



Fundação Carlos Chagas

A aventura de trabalhar como secretária de Paulo Freire

46

Conheci Paulo Freire pessoalmente quando me inscrevi em seu curso no Programa de Pós-Graduação da PUC de São Paulo, em 1982. Recém-chegado do exílio, suas aulas eram concorridíssimas. Bebíamos as palavras do mestre, ainda permeadas da grande emoção do regresso e símbolo da luta para a redemocratização do País.

Certo dia, ele mencionou, em classe, as dificuldades que tinha para conseguir uma secretária que cuidasse de sua correspondência. Ofereci-me para fazer esse trabalho temporariamente, até que encontrasse a pessoa adequada. Assumi a função naquela mesma semana e lá fiquei por 5 anos...

Eram centenas de cartas recebidas mensalmente de todas as partes do mundo. Reitores, professores universitários e de todos os outros níveis de ensino, estudantes, educadores populares, diretores de centros de estudos, presidentes de ONGs e editores apresentavam as mais diferentes solicitações. Havia incontáveis convites para participação em congressos, seminários e reuniões de todos os tipos, no Brasil e nos mais distantes países. Ofícios de diversas universidades da Europa e das Américas comunicavam a concessão de títulos "honoris causa". Intelectuais renomados mandavam suas obras recém-lançadas para apreciação de Paulo Freire. Estudantes pediam textos e orientação bibliográfica. Primeiras versões de livros ou de teses eram constatemente recebidas, com solicitação de parecer, de sugestões ou de um prefácio. Algumas cartas narravam histórias de vidas sofridas, de perseguições políticas e pediam auxílio e conselhos. Outras comunicavam resultados alcançados em programas freirianos de alfabetização. Impressionante também era o fato de que diversas mensagens vinham endereçadas apenas para "Paulo Freire - São Paulo - Brasil" e chegavam corretamente no apartamento do bairro de Perdizes!

Evidentemente, era impossível atender a todos. O sistema de trabalho estabelecido foi o seguinte. Em encontros semanais, Paulo Freire me entregava um maço enorme de cartas ainda fechadas. Eu as levava para casa, lia todas, fazia uma primeira triagem e as retornava com sugestões de respostas, com cartas prontas para serem assinadas ou com questões em aberto para serem decididas. A tarefa era pesada, mas o salário compensava bastante e, principalmente, as sessões na casa de Prof. Paulo eram muito gratificantes. Entre os deliciosos cafezinhos e sucos de frutas



Fundação Carlos Chagas

nordestinas, oferecidos por D.Elza, muitas vezes o trabalho atrasava, enquanto Paulo Freire discorria sobre questões epistemológicas, metafísicas ou educacionais, dificuldades políticas e sociais da conjuntura brasileira e mundial, histórias do exílio, lembranças de convivência com os remetentes das cartas ou uma receita da culinária pernambucana.

Freqüentemente, eu também levantava problemas teóricos, pacientemente esclarecidos pelo mestre. Lembro-me que ficava ansiosa com as restrições sérias que alguns educadores brasileiros faziam ao trabalho de Paulo Freire. A fleuma de Prof. Paulo diante das críticas me impressionava. Ele explicava que eram posições políticas e ideológicas distintas que contaminavam a discussão teórica. Hoje, depois da reviravolta dos anos 90, quando tento localizar seus críticos, penso que Paulo Freire tinha razão...

Com o tempo, fui conhecendo melhor as disponibilidades do mestre e, com sua autorização, respondia eu mesma muitas das cartas, assinando-as como secretária. Era uma posição difícil, pois, na maioria das casos, devia comunicar a recusa a insistentes convites para seminários em universidades de países tais como o Canadá, EUA, Suíça ou Espanha. Mais complicado ainda era explicar a educadores e estudantes de Zimbabwe, Angola ou do Nepal que Paulo Freire não teria condições de participar de encontros regionais de educação popular ou de festa de formatura de adultos recém-alfabetizados. Em outras oportunidades, a resposta devia ser extremamente diplomática, pois estava totalmente defasada por ter ficado a carta esquecida, por um ou dois meses, dentro de um livro de Paulo Freire ou em meio a seus papéis. No entanto, essa difícil função valeu-me uma coleção de amigos em todos os continentes. Alguns deles ainda me escrevem regularmente, dando notícias de seus trabalhos e perguntando sobre o mestre. Tudo isso, sem falar do privilégio de conservar até hoje a amizade de Paulo Freire e de de ter estado muito próxima dele e de D. Elza por 5 anos.

Dagmar M.L.Zibas
Pesquisadora da Fundação Carlos Chagas